

CONCENTRAÇÃO E FORMA DE APLICAÇÃO DO ÁCIDO INDOLBUTÍRICO NA PROPAGAÇÃO PITANGUEIRA (*Eugenia uniflora*) POR ALPORQUIA

¹Rayanah Stival Svidzinski, ¹Alberto Ricardo Stefani, ³Camila Kreczkuski, Cristian Medrado Canonico², Bruno Leite dos Santos², Américo Wagner Junior³

¹Mestrando do Programa de Pós Graduação em Agroecossistemas; UTFPR-DV Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Dois Vizinhos; rayanah_stival@hotmail.com

²Estudante do curso de Engenharia Florestal; UTFPR-DV Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Dois Vizinhos;

³Professor/pesquisador do Departamento Fisiologia Vegetal; UTFPR-DV Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Dois Vizinhos;

RESUMO

O objetivo deste trabalho foi avaliar a técnica de alporquia em pitangueira testando-se diferentes concentrações de ácido indolbutírico (AIB) e forma de aplica-lo. O trabalho foi realizado na UTFPR – DV, em janeiro de 2017. O delineamento experimental adotado foi inteiramente casualizado (DIC), em esquema fatorial de 2 x 4 (forma de aplicação de AIB x concentração de AIB), com quatro repetições de 5 alporques cada. As formas de aplicação consistiram com uso líquido em gotas ou por meio do contato permanente através do algodão embebido em tal auxina. As concentrações testadas foram 0, 1000, 3000 e 6000 mgL⁻¹ de AIB. Após 210 dias, foi avaliada as porcentagens de enraizamento, regeneração da área anelada, calogênese e sobrevivência do ramo alporcado. Não foi possível obter rizogênese nos ramos alporcados de pitangueira.

Palavras-chave: Propagação assexuada, Myrtaceae, Alporquia

INTRODUÇÃO

A pitangueira (*Eugenia uniflora* L.) pertencente à família Myrtaceae, sendo espécie arbórea nativa brasileira, do bioma Mata Atlântica. Ela apresenta potencial para uso na restauração ecológica, pelas indústrias alimentícias, cosméticas e medicinais. A maioria dos pomares é formada a partir de mudas oriundas de sementes, as quais não são adequadas para tal finalidade, pois apresentam como inconvenientes variabilidade genética e maior período de juvenilidade, implicando na frutificação mais tardia do pomar. Recomenda-se a substituição destas mudas por material oriundo da propagação vegetativa (LIRA JUNIOR et al., 2007). Esta propagação permite a formação de pomares homogêneos, facilitando o manejo. Dentre as técnicas desse método, tem-se a alporquia, no qual possibilita o enraizamento de parte do ramo ainda ligado a planta matriz, o que aumenta as condições para que ocorra a rizogênese (SIQUEIRA, 1998). Para isso é necessário a realização do anelamento (retirada da casca contendo o floema) do ramo, aplicando-se geralmente na região cambial hormônio auxina que acelera tal processo de rizogênese, como o ácido indol-butírico. Todavia, a concentração a ser testada de tal hormônio pode variar, podendo apresentar bons ou indesejáveis resultados. Além disso, existe comportamentos distintos desta auxina de acordo com o tempo em que a mesma fica exposta ao tecido vegetal.

O trabalho teve por objetivo avaliar a concentração e foram de aplicação do ácido indol-butírico na propagação da pitangueira por alporquia.

MATERIAL E MÉTODOS

O trabalho foi realizado na Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) Câmpus Dois Vizinhos – PR.

Foi adotado delineamento experimental inteiramente casualizado (DIC), em esquema fatorial de 2 x 4 (forma de aplicação de AIB x concentração de AIB), com 4 repetições de 5 alporques cada. Cada repetição foi constituída por uma planta distinta. Os níveis relacionados a forma de aplicação de AIB envolveram a aplicação desta auxina em gotas, com auxílio de pipeta de Pasteur e outro com embebição do mesmo em algodão. As concentrações de AIB testadas foram 0, 1000, 3000 e 6000 mgL⁻¹. Para confecção dos alporques procedeu-se com a escolha do ramo, com no mínimo 8 mm de diâmetro, sendo neste realizado anel completo de casca com cerca de 7 cm de largura em média, retirando-se todas as partes do mesmo até a região do câmbio, com auxílio do canivete de enxertia.

Logo após anelamento foi realizado a aplicação de ácido indol-butírico na região cambial de acordo com as formas de aplicação, sendo em uma destas, utilizado quatro gotas (2 mL), duas por extremidade e a outra utilizando-se as mesmas quatro gotas, mas em algodão. Em seguida, no ramo anelado, inseriu-se saco plástico com extremidades abertas, sendo próximo a referida região (distância de 4 cm), feito amarrio de um dos lados do saco com aramito. Feito tal amarrio, introduziu-se substrato comercial umedecido na quantidade que permitiu o aparecimento de formado esférico, momento este que procedeu-se com o amarrio da outra extremidade com mesmo material. Envolveu-se todos os sacos plásticos dos alporques com papel alumínio.

Após 210 dias da realização da alporquia, foi avaliada as porcentagens de enraizamento, regeneração de tecidos da área de anelamento, calogênese e sobrevivência.

Para as variáveis porcentagens de regeneração e sobrevivência dos ramos alporcados, os dados foram submetidos ao teste de normalidade de Lilliefors e posteriormente a análise de variância, cujas as médias foram agrupadas pelo teste de Skott- Knott ($\alpha = 0,05$). Os dados da porcentagem de calogênese foram analisados pela avaliação não paramétrica Kruskall - Wallis a 5% de significância. Em todas as análises foi utilizando o aplicativo computacional Assistat versão 7.7 (SILVA e AZEVEDO, 2016).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao avaliar as pitangueiras alporcadas não foi obtido enraizamento dos alporques. Um dos fatores primordiais para ocorrência de diferenciação celular e posterior rizogênese diz respeito a condição fisiológica da planta, principalmente ao balanço endógeno de carbono e nitrogênio. O presente trabalho foi realizado em janeiro, cuja produção da pitangueira ocorreu em início de novembro, acreditando-se assim, que talvez a planta não continha ainda reservas suficientes para estímulo a rizogênese, o que proporcionou nenhuma ocorrência de enraizamento. Não houve porcentagem expressiva de calogênese, tão pouco análise de regeneração e sobrevivência dos ramos.

CONCLUSÕES

Não foi possível obter rizogênese nos ramos alporcados de pitangueira, concluindo-se que na época em que o trabalho foi realizado não houve efeito da concentração e forma de aplicação do AIB.

REFERÊNCIAS

LIRA JÚNIOR, J. S. de; BEZERRA, J. E. F.; LEDERMAN, I. E.; SILVA JUNIOR, J. F. da. **Pitangueira**. 1.ed. Recife: Empresa Pernambucana de Pesquisa Agropecuária-IPA, 2007. 87 p

SIQUEIRA, D.L. de. **Produção de mudas frutíferas**. Viçosa: CPT, 1998. 74p.

SILVA, F. de A. S. e.; AZEVEDO, C. A. V. de. The Assistat Software Version 7.7 and its use in the analysis of experimental data. **African Journal of Agricultural Research**, v.11, n.39, p.3733-3740, 2016.